

Re(leitura) do romance *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector: o aborto voluntário de G. H. simbolizado na morte de uma barata¹

*Rereading the novel *Passion According to GH*, Clarice Lispector: voluntary abortion GH symbolized the death of a cockroach*

Maria de Fatima do NASCIMENTO*

RESUMO: Este trabalho propõe uma revisão das leituras consagradas do romance de Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H.* (1964), cuja protagonista, embora os estudiosos não tenham atentado para isso, interrompeu voluntariamente, em tempos passados, uma gravidez indesejada. Anos depois, ao matar, com requinte de crueldade, uma barata na porta de um guarda-roupa, a questão do aborto induzido vem à tona e G.H. passa a relatar o acontecido, encarado agora por ela como um crime de assassinato. G.H. compara a morte da barata à de seu filho/embrião, fato que, no presente, passou a atormentá-la. Por isso, a protagonista sente necessidade de desabafar com alguém. Tal narrativa clariciana desenvolve-se inteiramente de maneira fragmentária, o que talvez tenha dificultado ao cânone crítico a percepção do fato aqui apontado.

PALAVRAS-CHAVE: Revisão crítica. *A paixão segundo G. H.*. Romance brasileiro. Aborto. Clarice Lispector.

ABSTRACT: The objective of this work is to review the acclaimed reading of the novel "*Passion per G. H.*" (1964), by Clarice Lispector. The protagonist, although not noticed by scholars, had an unwanted pregnancy voluntarily interrupted in the past. Years later, the induced abortion matter surfaces when the protagonist cruelly kills a cockroach on the door of a wardrobe. G. H. starts, then, to relate the matter, which she now sees as murder. G.H. compares the cockroach death to death of her child / embryo. This has started tormenting her and that's why she feels the need to talk about it to someone. The narrative is fragmented which might have made it difficult for the critical canon to perceive the fact.

KEYWORDS: critical review. *The Passion According to G. H.*. Brazilian novel. abortion. Clarice Lispector.

¹ Este artigo é um desdobramento de estudos desenvolvidos para minha Tese de Doutorado, defendida na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em 2012 e intitulada Benedito Nunes e a moderna crítica literária brasileira (1946-1969).

* Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Pará (UFPA).

A *paixão segundo G. H.*, quinto romance de Clarice Lispector, narrado em primeira pessoa pela protagonista, denominada apenas com as iniciais de seu nome, é constituído de 33 fragmentos, espécies de capítulos/fragmentos, relativamente curtos. Observa-se que, em cada novo fragmento/capítulo, numa prática do “*leixa-pren*” (solta-apanha) (CAMPEDELLI e ABDALA JR, 1981, p. 42), é retomado o último parágrafo, ou última frase, ou expressão do fragmento/capítulo anterior. Tal obra é considerada, por um dos principais estudiosos da escritora brasileira, Benedito Nunes (1988, p. XXIV), como: “O livro maior de Clarice Lispector”, não só porque “amplia os aspectos singulares de sua obra”, mas também porque, na observação do crítico, é “um dos textos mais originais da moderna ficção brasileira”.

Benedito Nunes (1965, p. 3), desde seu primeiro artigo, “A náusea em Clarice Lispector”, de 24 de julho de 1965, publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, observa que a autora de *Laços de família* aborda temas que se inserem “no contexto da filosofia da existência”, mais precisamente, o existencialismo proposto por Jean-Paul Sartre. Após este artigo de Benedito Nunes, verifica-se que tal leitura é reiterada por ele em dois livros: *O mundo de Clarice Lispector (ensaio)* (1966) e *O dorso do tigre* (1969). E, de certo modo, com exceção de Luiz Costa Lima (1966, p. 110-111), que, em crítica coetânea, diverge daquela análise no que tange à náusea sartriana, a leitura que Nunes faz da obra clariciana, na época, continua sendo compartilhada por muitos estudiosos até a atualidade.

Na presente análise, demonstra-se outra possibilidade de leitura do romance de Clarice Lispector *A paixão segundo G. H.* (1964)², que, pela sutileza de sua estrutura fragmentária, encobre em seu enredo um “assassinato”, ou seja, o abortamento voluntário praticado pela protagonista G. H., que posteriormente o encara como “crime”, isto é, como uma transgressão religiosa e ética, lutando interiormente em busca das palavras certas para narrar sua história.

Nos seres ficcionais claricianos, o impulso homicida é recorrente. Geralmente, eles odeiam alguém e sentem vontade de matá-lo, até por motivos fúteis, como é o caso de uma personagem sem nome, do conto “O búfalo”, de *Laços de família* (1960), “a mulher de casaco marrom”, que

2 Doravante “APSGH”. Todas as citações são extraídas de: LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

deseja matar um homem apenas por não ser amada por ele. Em outros casos, há a simulação de um homicídio, como ocorre com Martim, protagonista de *A maçã no escuro* (1961). Contudo, o aborto feito por G. H., conforme sua visão religiosa, especificamente seguindo o 6º mandamento bíblico, “Não matarás”, configura um “assassinato”, o qual, não obstante tantos outros verificados em obras da literatura brasileira, a exemplo de “O enfermeiro”, conto de *Várias histórias* (1896), de Machado de Assis; *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, e *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa, parece apresentar um agravante para ela, já que resulta na morte de um filho, provocada pela própria mãe, aquela que, segundo uma tradição antiga, deve preservar a vida.

Berta Waldman, em *Clarice Lispector: a paixão segundo C. L.*, traz o ensaio “‘Não matarás’: um esboço da figuração do ‘crime’ em Clarice Lispector”, crime este aqui entendido, no trucidamento da barata, ou seja, segundo o referido texto:

Em verdade, G. H. (como também Ofélia) não comete crime, pois matar uma barata não se constitui como tal. Mas, ao se aproximar tanto da barata, ela se separa dos homens e de suas leis que permitem que se mate uma barata, pondo-se diante de outra lei onde seu impulso de matar o inseto pode ser chamado crime, pois matar a barata é reavivar, em G. H., seu impulso assassino mais fundo voltado contra a matéria viva (WALDMAN, 1992, p. 164-165).

Embora reconhecendo o impulso homicida da protagonista clariciana, Waldman também não percebe o aborto praticado por G. H. simbolizado na morte da barata. No entanto, a própria protagonista, conforme se demonstra adiante, revela o fato no romance. De onde o trucidamento da barata por G. H. não ser a questão principal que a protagonista deseja exprimir. Por simbiose, a personagem revela o aborto em seu discurso sobre o inseto, em um esforço “sobre-humano” para contar sua história, uma história-tabu e de dor, ou seja, a confissão de ter feito um abortamento voluntário, que fica, por ela, muito tempo esquecido. Todavia, ao entrar no quarto de empregada de seu apartamento “semiluxuoso”, para limpá-lo, em uma cobertura onde vive sozinha, após Janair, sua última

doméstica, ter deixado o emprego no dia anterior, a protagonista vê uma “barata grossa” e a mata. Neste gesto de trucidamento do inseto, o aborto induzido vem à tona.

G. H. só vê a barata no quarto fragmento/capítulo da obra. Porém, desde o primeiro, ela vai recordando o ocorrido, disseminando pistas do aborto, dando mesmo a impressão de que ela está falando somente da barata. No primeiro fragmento/capítulo, G. H. começa sua confissão do aborto, como que tentando captar o acontecido; “confessar para compreender”³, redizendo o interdito, um dia após ter visto a barata que suscita todo um passado que até então ela guarda em segredo. Mas, quando ela mata o inseto, o que, pelo seu relato, só acontece no fragmento/capítulo seis (APSGH, 1998, p. 53), relembra com sofrimento o aborto provocado e com ele uma experiência a dois, bem como a vida livre que passa a manter depois de uma separação e após a interrupção da gravidez. G. H., ao contar sua história, vai entremeando, de forma fragmentária, muitas outras histórias sobre sua vida, conforme se pode perceber desde o primeiro parágrafo do livro, em que G. H. demonstra o conflito vivido, desejando entender o ocorrido, e compartilhar seu sofrimento com um interlocutor, isto é, confessar o aborto por ela praticado, em busca da redenção.

Então, compara o passado com o presente e vê sua vida anterior como que organizada. Na sequência de seu relato, encontra-se a referência a uma convivência a dois (terceira perna), que a “plantava no chão”, e que ela chama “organização” (a fase antes da separação conjugal e do abortamento do filho). Já “desorganização profunda” é como ela denomina a fase da separação e do aborto. G. H. insistentemente quer contar a alguém sobre o aborto, mas, nesse reconto, vai retardando informações a partir de muitas repetições e indagações, em que a discussão do abortamento induzido é relacionada a questões como infância, costumes, tradições, criação verbal, moral, religião e a outros temas, tanto metafísicos quanto mundanos, da vida dela mesma, numa técnica narrativa pontuada por muitas dúvidas da protagonista; por afirmações e negações simultâneas que desnorteiam o leitor.

O aborto, tema matricial do romance *A paixão segundo G. H.*, é confessado com minúcias pela protagonista, em quem a culpa, o sofrimento, a angústia e a

3 Expressão de Valéria de Marco, empregada em uma análise sua do romance *Lucíola* (1862), de José de Alencar, 1999, p. 7.

náusea parecem não refletir somente “o sentimento da existência humana”, ou seja, “a descoberta da liberdade desconfortante do ‘ser-no-mundo’”, ou noutras palavras, o existencialismo pregado por Sartre e apontado neste romance por Benedito Nunes. Na verdade, todos os sentimentos experimentados por G. H. refletem, também, a consciência de ela ter praticado um aborto voluntário, ato que na juventude pareceu normal para a personagem, porém depois, já adulta, ela verifica não ter estado preparada para fazer o que fez, isto é, viver em total liberdade, estando, portanto, a sua angústia e náusea relacionadas principalmente ao abortamento do filho. Por sua vez, tudo isto está intimamente ligado às questões religiosas e morais da protagonista.

Neste contexto literário canônico-nacional, existem outros romances que enfocam casos efetivos de aborto, como *Lucíola* (1862), de José de Alencar; *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, e *O mulato* (1881), de Aluísio Azevedo; ou tratam de ameaças de aborto, como *Esau e Jacó* (1904), de Machado de Assis. As protagonistas destas obras – talvez com exceção da amante de Brás Cubas, Virgília – são acometidas de abortamento involuntário. Já no caso de G. H., trata-se de uma interrupção de gravidez voluntária e com acompanhamento médico. Ela conta que, na época, pensava em não interromper a gravidez, mas ao final decidiu fazê-lo. Todavia, anos depois, mostra-se como que arrependida. Assim sendo, o início do romance é importante para compreender o que G. H. conta quando sugere seu relacionamento amoroso, que a coloca num lugar socialmente confortável. Neste, ela não precisa pensar e resolver tudo sozinha, como agora no presente da história, em que ela está solteira e só. Por isso, sente medo e precisa de coragem para contar a interrupção induzida de gravidez, a qual no passado ela acreditava ser uma decisão acertada para sua vida. Porém, agora no presente, tal ato se revela como problema de consciência, trazendo-lhe muita tristeza e receio de narrar a vida que é rememorada a partir da visão da barata e não é fácil de ser contada.

G. H., ao mesmo tempo em que vai construindo seu discurso em torno da barata, revela sua vida meio que em ziguezague, aparentemente com medo de contar sua história, porque ela sabe que pode ser incompreendida. Tal protagonista, como que num ato seu de contrição, prepara o

leitor para o momento da confissão do aborto por ela concretizado, demonstrando que necessita de um esforço para dizê-lo. Para tanto, precisa que alguém segure sua mão. Então, simula um relato em forma de carta, conforme se pronuncia: “Esse esforço que farei agora por deixar subir à tona um sentido, qualquer que seja, esse esforço seria facilitado se eu fingisse escrever para alguém” (LISPECTOR, 1998, p. 15).

O fato de G. H. só se referir à barata depois de muitas páginas do início do livro leva o leitor a pensar que ela está falando apenas do inseto, mas, quando é chegado o sexto fragmente/capítulo, percebe-se que a rememoração está relacionada com tudo o que ela vem confessando ao longo de seu discurso:

Não compreendo o que vi. E nem mesmo sei se vi, já que meus olhos terminaram não se diferenciando da coisa vista. Só por um inesperado tremor de linhas, só por uma anomalia na continuidade ininterrupta de minha civilização, é que por um átimo experimentei a vivificadora morte. A fina morte que me fez manusear o proibido da vida. É proibido dizer o nome da vida. E eu quase disse. Quase não me pude desembaraçar de seu tecido, o que seria a destruição dentro de mim de minha época (LISPECTOR, 1998, p. 15-16).

G. H., na sequência, declara: “...Só que agora, agora sei de um segredo. Que já estou esquecendo...” Ora, este segredo não é a morte da barata, que está explícita em seu discurso a partir do fragmento/capítulo quinto, e que ocorre no dia anterior ao momento em que ela relata o fato. Este segredo é o aborto, o qual ela reconhece que está esquecendo, porque rememorar é sofrer, percebendo que pode ser julgada negativamente:

Para sabê-lo de novo, precisaria agora re-morrer. E saber será o assassinato de minha alma humana. E não quero, não quero. O que poderia me salvar seria uma entrega à nova ignorância, isso seria possível. Pois ao mesmo tempo que luto por saber, a minha nova ignorância, que é o esquecimento, tornou-se sagrada. Sou a vestal de um segredo que não sei mais qual foi. E sirvo ao perigo esquecido. Soube o que não pude entender, minha boca ficou selada, e só me restaram os fragmentos incompreensíveis de um ritual. [...] Não quero que me seja explicado o que de novo precisaria da validação humana para ser interpretado (LISPECTOR, 1998, p. 16).

A personagem G. H. reconhece que, mesmo com toda a liberdade que ela possa ter, a sociedade na qual vive é conservadora, tem modelos ou parâmetros religiosos e sociais para a chamada boa convivência entre as pessoas. Então, percebe que aquilo por ela feito não é aceito pela coletividade da qual faz parte. Mas o principal problema é ela mesma, que precisa compreender por que fez o aborto. Ela, como mãe, podia optar pela vida, e não o fez. É disso que a princípio ela não consegue se perdoar. Porém, como o romance é narrado em primeira pessoa, tendo G. H. como protagonista, o leitor deve ficar atento, porque esta personagem-narradora pode, com seus argumentos, procurar envolvê-lo, já que ela agora se culpa e quer o perdão. Veja-se o que ela diz sobre si mesma:

Vida e morte foram minhas, e eu fui monstruosa. Minha coragem foi de um sonâmbulo que simplesmente vai. Durante as horas de perdição tive a coragem de não compor nem organizar. E sobretudo a de não prever. [...]. Até que por horas desisti. E, por Deus, tive o que eu não gostaria. Não foi ao longo de um vale fluvial que andei – eu sempre pensara que encontrar seria fértil e úmido como vales fluviais. Não contava que fosse esse grande desencontro (LISPECTOR, 1998, p. 17).

Esta passagem do relato de G. H. tem sua complementação no décimo quarto fragmento/capítulo (p. 92), quando ela à noite se questiona sobre o aborto que vai fazer e que, segundo ela, já está resolvido por outra pessoa. Sobre tal questão, ainda no primeiro fragmento/capítulo, G. H. faz a seguinte confissão:

[...] Escuta, vou ter que falar porque não sei o que fazer de ter vivido. Pior ainda: não quero o que vi. O que vi arreventa a minha vida diária. Desculpa eu te dar isso, eu bem queria ter visto outra coisa melhor. Toma o que vi, livra-me de minha inútil visão, e de meu pecado inútil. Estou tão assustada que só poderei aceitar que me perdi se imaginar que alguém me está dando a mão (LISPECTOR, 1998, p. 17).

A protagonista do romance em foco adia sua confissão com longas discussões que revelam sua situação pessoal e quem ela é. Portanto, tem-se o antes e o depois, o que é o presente dessa personagem, fato observado no segundo fragmento/capítulo, em que G. H. está à mesa do café, sozinha, e se esforça para esboçar uma espécie

de memorial dela própria para poder compreender quem ela é. Depois vai se distanciando do presente próximo para falar mais amiúde de como ela própria se vê e, desta visão de si mesma, se refere a um relacionamento amoroso dissolvido.

A personagem G. H. insiste em afirmar ser tranquila, realizada, a ponto de ter seu nome grafado nas valises e que consegue forjar em torno de si uma reputação ilibada, “uma máscara ou persona”, quando diz: “Também para a minha chamada vida interior eu adotara sem sentir a minha reputação: eu me trato como as pessoas me tratam, sou aquilo que de mim os outros veem”. Porém, quando fica sozinha, G. H. demonstra ser uma persona bastante dissimulada. Logo em seguida, fica-se sabendo que G. H. é uma escultora, isto é, uma artista plástica e, com esta atividade profissional, reclama que há certa crítica sobre o trabalho dela: “a mim se referem como alguém que faz escultura que não seriam más se tivesse havido menos amorismo”. Pode-se ver aí um *alter ego* de Clarice Lispector escritora? Pergunta-se por se observar que a crítica é feita por G. H., personagem feminina, mas mesmo assim ela acha isto positivo, porque, de certo modo, esta profissão a situa dentro daquela sociedade: “Para uma mulher essa reputação é socialmente muito, e situou-me, tanto para os outros como para mim mesma, numa zona que socialmente fica entre mulher e homem”. A profissão que a protagonista reconhece como masculina é fundamental para ela exercer a liberdade, ou seja, uma independência financeira que propicia também uma independência sexual e das atribuições reservadas às mulheres, como casar, ter filhos e cuidar do marido e da casa, conforme diz a protagonista nas entrelinhas: “O que me deixava muito mais livre para ser mulher, já que eu não me ocupava formalmente em sê-lo” (LISPECTOR, 1998, p. 26).

Mais uma vez, G. H. indicia o que vai confessar depois (o aborto), porquanto, ao falar de sua vida íntima, observa que a escultura também é responsável por “um leve tom de pré-clímax”, ou seja, por aquilo que ela vem a se tornar, pois de tanto “[...] desgastar pacientemente a matéria, até encontrar sua escultura imanente” ou “por ter tido, através ainda da escultura, objetividade forçada de lidar com aquilo que já não era eu”, G. H. em seu monólogo vai convencendo o leitor de que ela não é culpada por tudo que lhe tem acontecido. Relacionando a

atividade de escultora com suas fotografias, reforça-se o silêncio daquilo que fica guardado durante tanto tempo, que ela considera como pré-clímax sobre si mesma, o que permite à personagem G. H. sentenciar que: “Talvez tenha sido esse tom de pré-clímax o que eu via na sorridente fotografia mal-assombrada de um rosto cuja palavra é um silêncio inexpressivo, todos os retratos de pessoas são um retrato de Mona Lisa” (LISPECTOR, 1998, p. 27).

Nas reflexões que G. H. trava consigo mesma a respeito de verdades e mentiras que podem surgir do relato de sua vida íntima, ela afirma: “[...] Tenho medo daquilo a que me levaria uma sinceridade: à minha chamada nobreza que omito, à minha chamada sordidez, que também omito”. Porém, G. H. dá mais um passo sobre sua vida íntima e para o principal fato que ela quer contar, desenvolvendo todo um raciocínio sobre seu relacionamento amoroso e reconhecendo que, naquele momento de sua vida, ela não está preocupada em ter filhos por ser uma mulher emancipada. A história de G. H. não pode ser desvinculada de seu drama pessoal com relação ao aborto, estreitamente relacionado com o estilo de vida dela. A partir da revelação e encobrimento de sua interioridade, ela vai deixando perceber nuances do que a leva à interrupção de sua gravidez.

O segundo fragmento/capítulo do livro em estudo é um nos quais G. H. mais fala de si mesma. Ali está a chave do enigma. G. H., nestas reflexões, reconhece que ela não é o que pensa: “e essa imagem do ‘não-ser’” traduz o que ela chama de “negativo” nela própria, o “oposto”, “o lado avesso”, num reconhecimento de que, não sabendo qual é seu bem, “então vivia com algum pré-fervor o que era” o seu “Mal”. G. H., para completar seu raciocínio, declara que: “[...] e vivendo o meu ‘mal’, eu vivia o lado avesso daquilo que nem sequer eu conseguiria querer ou tentar. Assim como quem segue à risca e com amor uma vida de ‘devassidão’”. Ao final, acrescenta que: “Só agora sei que eu tinha tudo, embora de modo contrário: eu me dedicava a cada detalhe do não. Detalhadamente não sendo, eu me provava que – que eu era” (LISPECTOR, 1998, p. 32).

Todavia, quase ao final do segundo fragmento/capítulo, G. H afirma que: “Esse modo de não ser era mais

agradável, tão mais limpo”. Mas, no último parágrafo, põe em dúvida tudo o que foi dito antes, porque parece haver uma mudança no comportamento de G. H. depois que ela reflete sobre o que acontece com ela para praticar o aborto, não se encarando mais como aquela pessoa de antes, tendo ainda um peso na consciência, que só ela pode resolver, como insinua:

Esse G. H. no couro das valises, era eu; sou eu - ainda? Não. Desde já calculo que aquilo que de mais duro minha vaidade terá de enfrentar será o julgamento de mim mesma: terei toda a aparência de quem falhou, e só eu saberei se foi a falha necessária (LISPECTOR, 1998, p. 32)..

No terceiro fragmento/capítulo, G. H. planeja a limpeza do apartamento. Esta atividade parece estar intrinsecamente associada a suas descobertas sobre si mesma, uma vez que, quando a protagonista conta sua história, ela o faz um dia depois de tal limpeza. G. H. rememora os passos dados em direção à compreensão dela própria. Esta questão vai sendo desenvolvida aos poucos, a partir de suas observações, quando declara “... Sempre gostei de arrumar. Suponho que esta seja a minha única vocação verdadeira”, porque para ela “arrumar é achar a melhor forma” e a melhor forma também de contar sua história. G. H. conta todos os passos que segue a partir do momento em que decide começar o trabalho pelo “[...] quarto da empregada que devia estar imundo”. Este quarto tem “[...] a função dupla, dormida e depósito de trapos velhos, malas velhas, jornais antigos...”. O cômodo parece ser também a vida interior de G. H., tendo em vista o planejamento da limpeza, trabalho a começar do “quarto” para o living, o que equivale ser dos fundos para frente, ou seja, do interior para o exterior, sugerindo a rememoração, porque, antes de G. H. entrar no quarto, ela já começa a pensar, ou seja, a “ver”; já começa a refletir sobre a questão do aborto e de sua vida passada, problema latente que está sempre indo e voltando em sua memória, porque o lembrar suscita o sofrimento.

No quarto fragmento/capítulo, G. H. se dirige à dependência de empregada de seu apartamento, passando por um “corredor escuro que segue a área”, mas antes de entrar, ela para à porta, momento em que observa longamente o cômodo, verificando com surpresa que ele

está limpo. Vai entrando devagar (assim como é devagar sua lembrança do aborto). Antes de G. H. ver a barata, ela pensa em fazer uma limpeza geral, como que destruindo tudo que se encontra no cômodo com muita água.

Só depois de todas estas observações, G. H. entra no quarto e é neste local que ela percebe que alguma coisa em si muda, que ela não é mais a mesma, mas ainda não consegue a melhor forma de dizer. Os indícios da visão da barata e do aborto vão se correlacionando. G. H. revela ter nojo de baratas e nunca pensa que numa casa desinfetada como a dela possa existir inseto. Em tal fragmento, G. H. faz uma longa discussão sobre as baratas, falando também de sua infância pobre, tempo em que convive com os primeiros bichos da terra como "...perceijos, baratas e ratos..." (APSGH, 1998, p. 48). G. H. percebe que está com medo, tenta sair do quarto, mas não consegue, porque, a cada tentativa, a barata se move e G. H. recua. Nesta tentativa de saída fracassada é que G. H. faz a seguinte afirmação: "Foi então que a barata começou a emergir do fundo" (LISPECTOR, 1998, p. 51), como que relacionando a barata àquilo que ela vem a contar sobre o aborto.

G. H. demonstra ter medo da barata, mas de repente é investida de uma coragem e passa a matar a barata, fechando a porta do guarda roupa, esmagando o inseto. A coragem de G.H. para matar a barata parece ser a mesma que teve ao praticar o aborto, bem como para contar sua história depois de tantos anos. Vê-se que G.H. vai indiciando, em quase todos os fragmentos/capítulos, que a principal história que ela precisa contar não é a da morte da barata, mas outra história que vai sendo contada de forma cifrada, como se pode observar na seguinte passagem em que, após dar o primeiro golpe na barata, G.H afirma: " Já então eu talvez soubesse que não me referia ao que eu fizera com a barata mas sim a: que fizera eu de mim?" (LISPECTOR, 1998, p. 53).

Depois do primeiro golpe desfechado contra o inseto e começado no sexto fragmento/capítulo, G. H., como que num surto de loucura, mistura várias informações sobre a barata e sobre ela própria. Nas entrelinhas, percebe-se que o inseto massacrado lembra toda a história dela quando faz o aborto, como se pode ver no seguinte excerto do oitavo fragmento/capítulo, ao dizer que "a matéria da barata, que era o seu de dentro, a matéria grossa, esbranquiçada, lenta,

crescia para fora como de uma bisnaga de pasta de dente” (APSGH, 1998, p. 62). G. H., daí em diante, mistura seu sofrimento ao da barata. Ambos parecem ser a mesma coisa, retardando a revelação principal de sua história, que só vai ocorrer no décimo quarto fragmento/capítulo. Entretanto, a partir deste momento, G. H. se esforça para pedir perdão pelo seu ato de comer a barata, considerado um ser vivo imundo segundo os livros bíblicos “Levítico” e “Deuteronômio”, em que se encontram “A pureza legal” (lei proibindo determinados alimentos) e a “Proibição dos ritos pagãos”, respectivamente. Deste último, que ela tem conhecimento, G. H. cita partes de seu aprendizado religioso, mas, ao mesmo tempo, pede perdão. Todas estas informações, aparentemente desconexas, possibilitam a G. H. demonstrar aquilo que ela chama de seu primeiro gesto de desumanização, ou seja, a morte de seu filho, o que ainda não é dito, mas fica subentendido, conforme passagem do décimo fragmento:

Eu lutava porque não queria uma alegria desconhecida. Ela seria tão proibida pela minha futura salvação quanto o bicho proibido que foi chamado de imundo – e eu abria e fechava a boca em tortura para pedir socorro, pois então ainda não me havia ocorrido inventar esta mão que agora inventei para segurar a minha. No meu medo de ontem eu estava sozinha, e queria pedir socorro contra a minha primeira desumanização (LISPECTOR, 1998, p. 74).

G. H., de certo modo, mata a barata com requinte de crueldade. Isto porque, por causa de suas reflexões, ela vai matando lentamente, mas tal morte possibilita a recordação de outra. Por isso, G. H. reza a “Ave Maria”, começando pelo final da oração e chegando a dizer: “Santa Maria, mãe de Deus”, ao que acrescenta, com suas próprias palavras, “ofereço-vos a minha vida em troca de não ser verdade aquele momento de ontem” (APSGH, 1998, p. 76). No décimo quarto fragmento/capítulo, a protagonista G. H., depois de tantas elucubrações sobre a barata e sobre ela mesma, ainda reluta em contar o que realmente acontece, até que confessa:

De vez em quando, por um leve átimo, a barata mexia as antenas. Seus olhos continuavam monotonamente a me olhar, os dois ovários neutros férteis. Neles eu reconhecia meus dois anônimos ovários neutros. E eu não queria, Ah, como eu não queria!

Eu havia desligado o telefone, mas poderiam talvez tocar a campainha da porta, e eu estaria livre! A blusa! a blusa que eu tinha comprado, eles haviam dito que a mandariam, e então tocariam a campainha! Não, não tocariam. Eu seria obrigada a continuar a reconhecer. **E reconhecia na barata o insosso da vez em que eu estivera grávida** (LISPECTOR, 1998, p. 91, grifos nossos).

A partir de sua confissão, G. H. narra também como é feito o aborto e quais os sofrimentos e consequências para sua consciência:

- Lembrei-me de mim mesma andando pelas ruas ao saber que faria o aborto, doutor, eu que de filho só conhecia e só conheceria que ia fazer um aborto. Mas eu pelo menos estava conhecendo a gravidez. Pelas ruas sentia dentro de mim o filho que ainda não se mexia. Enquanto parava olhando nas vitrines os manequins de cera sorridentes. E quando entrara no restaurante e comera, os poros de um filho devoravam como uma boca de peixe à espera. Quando eu caminhava, quando eu caminhava eu o carregava (LISPECTOR, 1998, p. 91).

G. H., ao reconstituir a morte da barata, reconstitui também seu drama pessoal: a consecução do aborto, num texto heteróclito. E toda sua angústia, seu nojo e náusea estão relacionados ao abortamento que ela considera como crime e desamor. Desde o início da narrativa, ela se condena por isso e, principalmente, por ter decidido em favor da morte. O inseto barata, nesta história, sugere que G. H. tem sangue de barata, ou seja, ela se vê como uma pessoa de personalidade fraca, que pensa muito mais nela e nas conveniências sociais, pois prefere viver de aparência a assumir quem ela é realmente, a encarar sua própria verdade:

Durante as intermináveis horas em que andara pelas ruas resolvendo sobre o aborto, que no entanto já estava resolvido com o senhor, Doutor, durante essas horas meus olhos também deviam estar insossos. Na rua eu também não passava de milhares de cílios de protozoário neutro batendo, eu já conhecia em mim mesma o olhar brilhante de uma barata que foi tomada pela cintura. Caminhara pelas ruas com meus lábios ressecados, e viver, doutor, me era o lado avesso de um crime. Gravidez: eu fora lançada no alegre horror da vida neutra que vive e se move (LISPECTOR 1998, p. 91-92).

O sofrimento de G. H. coincide com o resultado de estudos como os de Faúndes e Barzelatto (2004, p. 78) sobre os problemas psicológicos em mulheres que praticam o abortamento induzido. Este ato torna-se mais grave naquelas mulheres que não decidem abortar por si mesmas, mas são obrigadas por outras pessoas, particularmente pelos seus companheiros. No caso de G. H., influenciada pelo namorado/amante, ela parece também tomar uma decisão final, temendo a reação da família e de uma sociedade conservadora, mas não sem que ela sofresse por tal atitude:

Quando chegara a noite, eu ficara resolvendo sobre o aborto resolvido, deitada na cama com os meus milhares de olhos facetados espiando o escuro, com os lábios enegrecidos de respirar, sem pensar, sem pensar, resolvendo, resolvendo: naquelas noites toda eu aos poucos enegrecia de meu próprio *plantum* assim como a matéria da barata amarelecia, e meu gradual enegrecimento marcava o tempo passando. E tudo isso seria amor pelo filho? (LISPECTOR, 1998, p. 92)

G.H. rememora um tempo de sofrimento e dor, que, por não ter sido reelaborado por ela nos devidos termos, na devida época, fica sem sentido. Contudo, o ato praticado continua marcado no corpo e no espírito. Talvez, por isto, ela fale inúmeras vezes no “Medo do neutro”. O neutro parece ser algo anterior à linguagem, antes que esteja formado, ou antes que se dê um sentido para esta coisa, isto é, o caos da memória, relacionado também à interrupção de vidas ainda embrionárias, como as que ela interrompe, a do seu filho no passado e agora a vida da barata. Depois de confessar a morte da qual é responsável, G. H. reza e fala como se tivesse contando o fato para a mãe.

G. H. continua rezando. Reza o final da oração “Santa Maria”, mas usa outras palavras, pedindo perdão e proteção à “mãe de Jesus Cristo”, como que dizendo “agora, e na hora de nossa morte, amém”. Após o aborto, G. H. reconhece que “está fruindo de um inferno manso”. Naquelas circunstâncias, livrar-se do filho parece ser bom para a sua vida: “O inferno me era bom, eu estava fruindo daquele sangue branco que eu derramara. A barata é de verdade mãe. Não é mais uma ideia de barata” (LISPECTOR, 1998, p. 94). Mais adiante, ainda

falando com uma mãe que parece dar um sentido maior para seu discurso, falando de filhos, acrescenta:

- Mãe eu só fiz querer matar, mas olha só o que eu quebrei: quebrei um invólucro! Matar também é proibido porque quebra o invólucro duro, e fica-se com a vida pastosa. De dentro do invólucro está saindo um coração grosso e branco e vivo como pus, mãe, bendita sois entre as baratas, agora e na hora desta tua minha morte, barata joia (LISPECTOR, 1998, p. 94).

Após confessar a morte da qual é responsável, de rezar e de pronunciar a palavra “mãe”, G. H. tem um alívio. Depois desta calma, como num pós-aborto, do décimo quinto ao décimo sétimo fragmentos/capítulos, G. H., lembrando uma espécie de alucinação, admite: “Eu havia vomitado meus últimos restos humanos” (LISPECTOR, 1998, p. 95); ou ainda que: “A alegria de perder-se é uma alegria de sabath. Perder-se é um achar-se perigoso” (LISPECTOR, 1998, p.102). No décimo nono fragmento/capítulo, G. H. começa novamente seu diálogo com a barata, com a vida e o acasalamento deste tipo de inseto, sentindo-se também uma barata, quando relembra o mural da parede com o desenho dela e de um homem, feito por Janair, ao que G. H. liga a história de um grande amor de sua vida e declara: “Somente à luz da barata, é que sei que tudo o que nós dois tivemos antes já era amor. Foi preciso a barata me doer tanto como se me arrancassem as unhas - e então não suportei mais a tortura e confessei e estou delatando” (LISPECTOR, 1998, p. 114-115).

Todas as pistas identificadas pela autora deste trabalho são dadas pela própria personagem G. H., que relembra seu tempo de convivência com um companheiro a partir de outra vida que leva depois da separação. Por causa do aborto e de tudo que ocorre com ela, em especial a solidão vivida por G. H., que sofre por carregar nos ombros uma paixão (aqui no sentido de martírio de Cristo e dos santos), sendo necessário que alguém a escute para amenizar sua dor, não só da carne, mas também a da consciência, pois todas as questões sobre o aborto discutidas por G. H. sugerem a fragilidade da condição humana, especialmente da condição da mulher, tendo em vista a culpa que ela sente, encarando o ato praticado como monstruoso, desumano, o seguinte trecho parece ser bastante alusivo:

“Escuta, diante da barata viva, a pior descoberta foi a de que o mundo não é humano, e de que não somos humanos” (APSGH, 1998, p. 69). Vê-se que, mesmo depois de ter revelado o aborto, G. H., no vigésimo nono fragmento/capítulo, continua a dizer que precisa contar, e vai contando várias passagens de sua vida com reflexões sobre Deus, a beatitude, e demonstrando a mudança que se opera na vida dela. Porém, usa de sutilezas, sempre relacionando o aborto com a morte da barata. G. H., que em vários momentos afirma querer poupar seu interlocutor sobre o que ela vai dizer, em face de todo seu sofrimento, não hesita, num ato de confissão, em declarar, perante Deus e os homens, o seguinte: “É que a redenção devia ser na própria coisa. E a redenção na própria coisa seria eu botar na boca a massa branca da barata” (LISPECTOR, 1998, p. 163-164).

A partir deste momento, G. H. faz a primeira tentativa de pôr a massa branca da barata na boca, “Só com a ideia”, fechando os olhos, mas não o consegue e termina por dizer: “minhas entranhas diziam não, minha massa rejeitava a da barata”. G. H. demonstra que não é fácil viver e aceitar determinadas coisas como aquelas que têm acontecido com ela, sugerindo que o ato de comer a barata também pode ter o mesmo significado da expressão popular “engolir sapo”. Para conseguir colocar a barata na boca, segundo G. H., faz-se necessário “um comando hipnótico”, agindo “... sonambulamente - e quando abrisse os olhos do sono, já teria ‘feito’, e seria como um pesadelo do qual se acorda livre porque foi dormindo que se viveu o pior”.

Outrossim, G. H. sabe que não é desta forma que tem que agir, para poder atravessar “uma sensação de morte”. Levanta-se e tenta novamente, dizendo: “com a determinação não de uma suicida, mas de uma assassina de mim mesma” (LISPECTOR, 1998, p. 164). Nestas tentativas fracassadas de deglutir a barata, G. H. chega a dizer: “Não, meu amor, não era bom como o que se chama de bom. Era o que se chama de ruim. Muito, muito ruim mesmo” (LISPECTOR, 1998, p. 165). Na terceira tentativa, G.H. vomita o leite e o pão do café da manhã. Decepcionada devido à sua falta de forças para consumir o tão desejado ato, ou, nas próprias palavras de G. H., aquele gesto, que é “o único a reunir meu corpo à minha alma” e, G.H. pela quarta vez, avança, mas ela sofre um desmaio, ou,

melhor dizendo, uma vertigem, durante a qual, “alguma coisa se tinha feito”. E ainda declara ter medo de procurar vestígios do acontecido, por vergonha, e porque, diz ela: “antes de fazê-lo eu havia retirado de mim a participação. Eu não tinha querido *saber*”. Em seguida, G. H. declara: “Pois mesmo ao ter comido a barata, eu fizera por transcender o próprio ato de comê-la. E agora só me restava a vaga lembrança de um horror, só me ficaria a ideia” (LISPECTOR, 1998, p. 166).

Um dado importante no discurso de G. H. é que no livro não fica claro que ela realmente come a barata. Todos seus gestos nesta direção são frustrados. No último, ela passa por uma vertigem, que assim ela descreve: “Uma vertigem que me fizera perder a conta dos momentos e tempo” e, quando acorda, afirma que comeu a barata. Nesta história, fica a seguinte dúvida: será que G. H. de fato come a barata? De acordo com o cotexto da obra, a resposta é não. Tudo indica que ela na verdade está falando é do aborto e de como foi feito, enfim, de todo o sofrimento que ele lhe causa no momento em que ela o pratica e os posteriores sofrimentos.

Depois, G. H. compreende que “... não precisava ter tido a coragem de comer a massa da barata (...) e a lei é que a barata só será amada e comida por outra barata; e que uma mulher, na hora do amor por um homem, essa mulher, está vivendo a sua própria espécie” (LISPECTOR, 1998, p. 169), acrescentando que o sofrimento é próprio da condição humana. G. H., antes de começar a contar que vai comer a barata, declara que, se chegar ao fim de seu relato, no mesmo dia, vai sair e se divertir. Vê-se que G. H., em sua história, relata o aborto, para isolar este seu fantasma, esquecê-lo e voltar para sua vida anterior à interrupção induzida de sua gravidez. Noutras palavras, para retornar à vida de mulher liberada, que pode escolher o homem que bem quiser, a exemplo de Carlos, Antônio, ou ambos. Nos últimos fragmentos/capítulos, trinta e dois e trinta e três respectivamente, G. H. reconhece que “o golpe da graça se chama paixão”, percebendo na barata viva que ela, G. H. também é um ser vivo e que tudo passa, inclusive a paixão.

G. H., no penúltimo fragmento/capítulo (p. 173), novamente se reporta à vida livre que ela escolhe viver (reflexo do contexto histórico mundial, 1964, em que o livro é produzido?), afirmando ter “avidez pelo mundo” e “desejos

fortes e definidos”, reiterando, com suas palavras, que “... hoje de noite irei dançar e comer, não usarei o vestido azul, mas o preto e branco”. Ao mesmo tempo em que reconhece, após a reelaboração de sua vida por meio do episódio com a barata, que não precisa de nada para viver. Relacionando sua vida com a da barata, declara: “Assim como houve o momento em que vi que a barata é a barata de todas as baratas, assim quero de mim mesma encontrar em mim a mulher de todas as mulheres”, ou ainda: “... quem se atinge pela despersonalização reconhecerá o outro sob qualquer disfarce: o primeiro passo em relação ao outro é achar em si mesmo o homem de todos os homens”. Reconhecendo também que “a vida é uma missão secreta” (LISPECTOR, 1998, p. 174).

Nota-se que G. H., no início do livro, afirma ter medo de uma “desorganização” (separação), sentindo-se sem coragem para relatar o aborto e a vida dela pós-separação. Porém, ao término de seu relato, revela-se uma mulher mais amadurecida e segura em relação a suas escolhas existenciais, ao contrário do que se verifica no início da obra. Ao se dar conta de sua capacidade de viver independentemente, sendo o sujeito de sua própria história, após o sofrido aprendizado trazido pelo aborto, pela reelaboração das sequelas morais causadas pelo “ato ínfimo”, anti-heroico para ela, enquanto mulher, perante sua sociedade conservadora e “pretensamente cristã”, sente-se, como que num romance de formação, “batizada pelo mundo”.

G. H. revela, ao final da narrativa, especialmente nos três últimos fragmentos/capítulos, uma “confiança” capaz de mudar sua visão de mundo, quando anuncia: “Eu me aproximava do que acho que era - confiança. [...]. Senti que meu rosto em pudor sorria. Ou talvez não sorrisse, não sei. Eu confiava” (LISPECTOR, 1998, p. 178). A protagonista de *A paixão segundo H. G.* convence-se de que “o mundo independe” dela e passa também a se aceitar como ela é, compreendendo que sua vida “não tem sentido apenas humano, é muito maior”. Finalmente, G. H., numa espécie de êxtase, por ter entendido e confessado um problema que até então a atormentava, ou por ter se refeito dele, como que desconversa, reconhecendo que as palavras, às quais ela tanto recorre em busca de um sentido para sua vida, são insuficientes para expressar tal sentido, mas compreendendo

que somente com a linguagem foi possível contar sua história.

Referências

- ALENCAR, José. *Lucíola*. São Paulo: FTD, 1992.
- ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1985.
- _____. *Esau e Jacó*. São Paulo: Ática, 1977.
- _____. *O Enfermeiro*. In. *Várias histórias*. São Paulo: Ática, 2000.
- AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. São Paulo: Ática, 1988.
- CAMPEDELLI, Samira; ABDALA, Benjamin Jr. *Clarice Lispector: Literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1981.
- DE MARCO, Valéria. “Confessar para compreender”. In. ALENCAR, José. *Lucíola*. São Paulo: FTG, 1992.
- FAÚNDES, Aníbal; Barzelatto, José. *O drama do aborto: em busca de um consenso*. Campinas: Komedi, 2004.
- LIMA, Luiz Costa. *Por que literatura*. Petrópolis: Vozes, 1966.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *O lustre*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- _____. *A paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- NASCIMENTO, Maria de Fatima. *Benedito Nunes e a Moderna Crítica Literária Brasileira (1946-1969)*, v. 1, 2012, 343 p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.
- NUNES, Benedito. *O mundo de Clarice Lispector (ensaio)*. Série Torquato Tapajós. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.
- _____. *O dorso do tigre*. São Paulo: Ática, 1969.
- _____. *O drama da linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. *A náusea em Clarice Lispector*. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 jul. 1965, Suplemento Literário, p. 3.

- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Record, 1990.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SARTRE, Jean-Paul. *A náusea*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- Waldman, Berta. “‘Não matarás’: um esboço da figuração do “crime” em Clarice Lispector. In. *Clarice Lispector: a paixão segundo C. L.* São Paulo: Editora Escuta Ltda, 1992.